

Rui Barbosa, Euclides da Cunha e a Crase

Hernâni Soares, da capital de São Paulo, escreve-me: "Um gramático desta cidade, a quem o professor José de Almeida vem de consagrar um livro que se intitula "O Ensino do Vernáculo", não perde oportunidade para desancar os nossos melhores escritores, e xinga a todos os que não lêem pela sua cartilha; mais uma vez nega ele a Euclides da Cunha as mais comzeinhas qualidades literárias, chegando a proclamar que o notável estilista nem sequer sabia empregar o sinal da crase, visto que escrevera em "Os Sertões" as seguintes frases, que ninguém releva hoje em dia: "corpo tatuado à bala e à faca", "esburacados à faca" "espostejado à faca", "cosido à baioneta", "dilacerados à espada", "chibateados à espada", "a zargunchadas e à faca", "dissolvia-se à bala" e, pelo menos duas vezes, a locução "às mais das vezes". O xingador, baseado na "Réplica" de Rui Barbosa, assevera que tudo isso está errado e chama de ignorantes e morcegos a todos os que dizem o contrário. A seguir esse rumo, que será da nossa língua no futuro?"

O futuro pertence a Deus. Só Ele nos poderá salvar a nós e os pósteros, preservando a Língua Portuguesa de tantos males que a estão deformando.

Rui Barbosa foi invocado contra Euclides da Cunha; pois é de Rui Barbosa que me hei-de valer para a defesa de Euclides da Cunha.

Antes de mais nada, impende pôr de manifesto que na 12a. edição de "Os Sertões", "edição definitiva de acordo com as emendas deixadas pelo autor", feita pela livraria de Francisco Alves em 1933, está escrito "as mais das vezes", e não "às mais das vezes", nas páginas 111 e 125. Não duvido, porém, de que nalguma outra edição descurada se leia "às mais das vezes", evidente erro tipográfico de que não sou imune uma obra tão cuidadosamente revista como as "Dificuldades da Língua Portuguesa" de Sai Ali, 2a. edição, pág. 213, linha 16a. Para o cego-mor, todavia, Euclides cometeu a cincia de escrever "às mais das vezes".

Atentem nisto os leitores que amam a verdade: Rui Barbosa era homem que não costumava dar o braço a torcer. Tendo corrigido a frase do projecto do Código Civil — "Alienar os objectos destinados à venda", dizendo que aí não tinha cabimento "o sinal de crase" ("Parecer", 210), e não concordando com isso o Prof. Carneiro ("Ligeiras Observações", 50-51), lançou mão de um expediente de Tomás Galhardo para argumentar com o seu mestre. Tal expediente, que consiste em substituir o nome feminino por masculino, para se verificar se este exige artigo, a fim de, exigindo-o, se tirar a conclusão de que o feminino também o exige, e, consequentemente, acentuar-se o "a" que precede este, nunca fora dantes aplicado pelo célebre autor da "Réplica", nem mesmo com rigor nessa obra, como o não foi por nenhum professor do idioma pátrio, a não ser Artur Raggio Nóbrega, porque se verificou praticamente que a troca do feminino por masculino, se nalguns casos dava resultado satisfatório, na maioria deles ia de encontro aos factos da Língua, à tradição multissecular e ao uso dos melhores escritores. Mas Rui fechou os olhos a tudo isso, e encheu várias páginas da "Réplica" de argumentos baseados no dito expediente, a fim de contrariar a opinião do Prof. Carneiro. Este, no capítulo XXX da "Tréplica", demonstrou a falsidade e o erro daquela substituição, e também eu o tenho provado inúmeras vezes, quer nos meus livros didácticos, quer pela Imprensa. Mas, uma vez que Rui Barbosa apadrinhou aquilo, embora unicamente para discutir, os amoucos das suas doutrinas e os que tudo aceitam sem exame e sem critério tomaram por dogma o expediente de Tomás Galhardo, que ficou inteiramente esquecido, para dar lugar ao paraninfo. Gramáticos e vernaculistas improvisados preparadores de candidatos a concursos e quaisquer novatos que se metem a escrever sobre a crase, todos, à uma, perfilharam "as regras de Rui na "Réplica"; e se algum aluno ou candidato a concurso puser acento no "a" ou deixar de colocá-lo com desrespeito àquelas regras, estará reprovado na certa.

Entretanto, manda a verdade proclamar que nem o mesmo Rui obedecia às normas que, em puro desforço, elegeu só para argumentar. Ele começa por citar estes versos de "Os Lusíadas" (V, 25): "A maneira de nuvens se começam | A descobrir os montes que enxergamos", para mostrar que o "à" se decompõe na preposição mais o artigo, podendo-se escrever, se não fora o hiato: "A a maneira de nuvens." Ora, Camões não escreveu "A", mas simplesmente "A". E daqui se tiram dois argumentos contra a doutrina de Rui: o primeiro é que, talvez desconhecendo ele que no século XVI se usava "a" por "à" e vice-versa, considerou correcta a "crase" num passo que a não tinha; o segundo é que, consoante à sua teoria, não devia haver mesmo acento naquele "a", porquanto a substituição de "a maneira de" por "a modo de" está mostrando que o masculino "modo" não exige artigo. É certo que noutros casos se pode empregar "ao modo de", não, porém, naquele. (Cfr. "Os Lusíadas" de Epifânio Dias, 2a. ed., I, 281, nota 1.)

Após de transcrever as regras e a demonstração de Tomás Galhardo, manifesta-se Rui Barbosa nestes termos: "Estas verdades gramaticais me parecem inelutáveis, sendo o critério delas resultante o único, ade-

quado juntamente à razão e ao uso, de aferir as crases e distribuir o acento." (N. 177, pág. 235.)

Esse critério, contudo, jamais foi seguido pelo insignificante escritor, que sempre se habituou a escrever em harmonia com o uso. E o uso, conforme as suas palavras, "se documenta com a escrita dos autores, que o estabeleceram, ou registaram" (n. 14, pág. 35). A escri-

ta dos bons autores desmente aquelas regras, donde se há-de concluir que Rui Barbosa, com o fito de manter a sua emenda ao projecto do Código Civil e repudiar a opinião do Prof. Carneiro, não trepidou em aceitar o falso expediente de Tomás Galhardo, indo de encontro aos factos da linguagem. De maneira que, nesse caso, preferiu a gramática teórica, sem fundamento nos factos da Língua, à gramática científica, baseada nesses factos. Não me quero, agora, dar ao trabalho de transcrever os numerosos trechos de Rui em que ele emprega o acento no "a" em detrimento do falso expediente supramencionado; quero, sim, chamar a atenção de todos os que se interessam por este caso para a descabida e errônea denominação de "crase" que em geral se dá ao simples "a" acentuado. Muitas e muitas vezes se põe acento no "a" não por ser contracção da preposição com o artigo, senão por motivo de clareza, pelo respeito à tradição e por satisfazer ao génio da Língua. E, pois, imperdoável erronia chamar-se "a craseado" ao "a" que se acentuou por exigência da índole do Idioma, da tradição ou da clareza. Todos os clássicos, assim antigos que modernos, escreveram em obediência a essas razões, e Euclides da Cunha outra coisa não fez que seguir os mestres supremos do vernáculo. Se ele claudicou por acentuar o "a" nos lugares supratranscritos, também claudicaram o padre António Vieira, frei Luís de Sousa, António Pereira de Figueiredo, Castilho, Herculano, Camilo e os lexicógrafos Bluteau, Domingos Vieira, Constâncio, Morais e Santos Valente, além de muitos outros dicionaristas e padrões da vernaculidade. Já agora não posso deixar de juntar a prova ao dito.

Fr. Luís de Sousa: "Foi saltado e levado à espada." ("Anais", 102. Apud Carneiro Ribeiro: "Tréplica", ed. de 1905, pág. 223.) — "Pelejando-se pé a pé, à espada e lança." ("Vida do Arcebispo", liv. 2o. cap. 11, pág. 68. *Ibidem*.)

Padre Vieira: "E a todos os da retaguarda passaram à espada." ("Sermões", edição de 1855, pág. 367.) — "Se além de não ter boas obras exercita as más, morre violentamente e como à espada." (*Ibidem*. VIII, ed. de 1856, pág. 340.)

Padre António Pereira de Figueiredo: "Todos os que tomarem espada, morrerão à espada." (Bíblia, ed. de 1853, vol. II, pág. 704: Mateus, cap. XXVI, v. 52.) — "Senhor, firamo-los à espada?" (*Ibidem*, pág. 789: Lucas, cap. XXII, v. 49.)

"E breve os campos da Espanha talados, as suas aldeias arrasadas, os seus valentes postos à espada, pagaram injúrias de sessenta anos." (Alexandre Herculano: "Opúsculos", tomo I, 6a. ed., pág. 106.) — "Geron... foi de novo tomada e os seus moradores passados à espada." (*Idem*: "História de Portugal", ed. de 1916, tomo I, pág. 121.) — "Poucas horas lhes tinham bastado... para passarem à espada os seus defensores." (*Idem*: "Eurico", 26a. ed., pág. 163.) — "Assim eu a tivera de que não me será preciso coser à ponta do punhal a boca de quem osado dizer..." (*Idem*: "Lendas e Narrativas", 12a. ed., tomo I, págs. 69-70.) — "Não te-reis, Sr. Diogo Alves, de lhe coser a boca à ponta do vosso punhal." (*Idem, ibidem*, pág. 70.) — "Os primos ou as imperfeições do artifice que copiara à ponta de cinzel aquela página do imenso livro de pedra." (*Idem, ibidem*, pág. 228.)

"Caçava pássaros à pedra." (Castilho: "Obras Completas" — "Mil e Um Mistérios", ed. de 1906, pág. 278.) — "Outros pedaços, revirava-os à enxada." (*Idem*: "Colóquios Aldeões", ed. de 1879, pág. 313.)

"Um invejoso desatinado desafiou-o à espada." (Camilo: "Luta de Gigantes", 5a. ed., conforme a 1a. única revista pelo autor, pág. 160.) — "O Alegrete vingou o Távora, matando o boi à espada." (*Idem*: "Perfil do Marquês de Pombal", 4a. ed., pág. 29.) — "Foi à espada o duelo." (*Idem*: "Correspondência Trocada entre os Dois Escriitores — Castilho e Camilo", ed. de 1924, págs. 70-71.)

Vários outros exemplos de adjuntos circunstanciais de instrumento e de modo em que o nome feminino está precedido de "à" se encontram na "Tréplica" do Prof. Ernesto Carneiro Ribeiro (a págs. 221-230 da ed. de 1905; da ed. de 1923, a págs. 235-245).

Foi seguindo esses modelos que Euclides da Cunha escreveu "tatuado à bala" e "cosido à baloneta", "esburacado à faca" e "dilacerados à espada", "chibateados à espada" e "dissolvia-se à bala". O "às mais das vezes", se é da sua pena, ele próprio mandou corrigir, como se averigua na edição ne varietur, que é a décima segunda.

Claudicado teria ele, sim, se da sua fulgurante pena escorregasse um "tatuado a bala", um "cosido a baloneta", um "esburacado a faca", etc., modernice que não é possível haver chegado ao seu conhecimento, pois somente após a divulgação do falso expediente de Tomás Galhardo, feita em 1904 pelo grande Rui, surdido e pululou como cogumelos depois da chuva. Felizmente os que não são cegos como o cego-mor, os que lêem clássicos e conhecem a história da Língua, esses nunca se deixaram levar por normas sem fundamento nos factos.

Deixemos os modernistas com a sua ciência, lembrando aquilo do "Fausto" na tradução de Castilho: "Bastas vezes no mundo o nome de ciência é croa da vaidade e véu da insipiência." E não nos esqueçamos também da exclamação de Rui Barbosa:

— "Pobre ciência moderna, quantas ignorâncias e imposturas se não acobertam com o teu nome e a tua fraseologia!"

José de Sá Nunes.